

Mão viva

DIRECTOR: VICTOR SOUSA

SEMANÁRIO

ANO I — N.º 16 — PREÇO 3\$50 — 13/OUT/76

Transportes Urbanos O 5 DE OUTUBRO Trabalhadores decidem! EM ESPINHO

Duas semanas atrás demos a novidade. Tinha finalmente aparecido uma entidade interessada na adjudicação dos transportes urbanos de Espinho, quando o alheamento das principais empresas de transportes públicos da região parecia fechar todas as saídas para o problema. Curiosamente, esse interesse manifestado junto da Câmara partira duma empresa ainda em formação, que se apresentava como a constituir entre trabalhadores do ramo. Porque razão se abalçavam esses trabalhadores a uma iniciativa que tanto medo meteu a empresas com estruturas muito mais sólidas? Deixámos esta pergunta no ar e prometemos obter resposta para ela. Aqui estamos a cumprir o prometido, apoiados numa conversa que tivemos com uma pessoa ligada a essa empresa em formação.

Interessa dizer, antes de tudo, que a empresa será constituída em sociedade por quotas de que cada associado será um trabalhador, quer como motorista, quer como empregado de escritório. Não se prevê que sejam necessários cobradores, pois essa missão poderá ser desempenhada pelos motoristas, como já vem sendo hábito neste tipo de transportes.

Entretanto, está-se já a estudar preços de autocarros, para a eventualidade de a adjudicação ser obtida. Dos contactos havidos com possíveis vendedores é provável que sejam adquiridos dois autocarros novos, com capacidade para 40 pessoas em pé e sentadas, e um outro em segunda mão para se obviar a possíveis avarias daqueles dois a quem caberá o serviço. É um investimento que ultrapassará com certeza os dois mil contos e para o qual se terá de recorrer ao crédito bancário.

Mas mesmo que este crédito seja concedido, como se pretende, em condições especiais, é evidente que à partida as dificuldades não vão ser poucas. Daí o facto de se terem posto algumas condições ao caderno de encargos que consta do concurso público. A mais importante é a de que não será possível, pelo menos de princípio, criar a carreira n.º 2, pelo que só funcionarão as n.ºs 1 e 3. O que não implica que tal não venha a ser feito posteriormente, com o desenvolvimento da empresa. O mesmo se passará em relação à qualidade dos serviços que poderá vir

(Conclui na pág. 2)

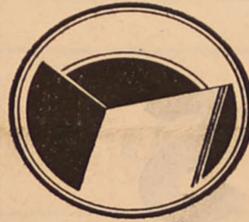
5 de Outubro de 1910, a monarquia decadente, feudo de condes e viscondes, de políticos e financeiros de poucos escrúpulos, é derrubada. Surge, então, a 1.ª República, na tentativa de libertar o País do caos onde tinha sido lançado, com base em radicais modificações do sistema político, económico e social até aí vigente. Mas esta obra de construção dum novo Portugal, é totalmente destruída pelo golpe fascista de 1926, que torna a mergulhar o País na injustiça e na miséria.

Daí que, em 1976, quando se tenta de novo alcançar a democracia, a liberdade, o primeiro Governo Constitucio-

nal comemore oficialmente o 5 de Outubro!

E, como todo o País, Espinho comemorou esta data. Por isso na manhã de terça-feira, 5 de Outubro, as entidades oficiais, civis e militares, e todos os interessados realizaram uma romagem ao cemitério municipal, a fim de aí prestarem uma homenagem a todos aqueles espinhenses, que pelos seus ideais e pela sua luta quotidiana, mesmo após o golpe fascista, fizeram tudo para que o 5 de Outubro, e a mensagem de Demo-

(Conclui na página 7)



Realizações NASCENTE Bordalo Pinheiro e o Zé Povinho

«Um dia virá talvez em que ele mude de figura e mude também de nome para, em vez de se chamar ZÉ POVINHO, se chamar simplesmente POVO.»

Mas muitos impostos novos, novos empréstimos, novos tratados e novos discursos correrão na ampulheta constitucional do tempo antes que chegue esse dia tempestuoso.»

(Ramalho Ortigão, 1882)

Zé Povinho, a criação de Rafael Bordalo Pinheiro, que agora, a Nascente a propósito das comemorações do 5 de Outubro relembrou em exposição no Salão da Piscina, é considerada a maior criação imagética do século XIX português, nascendo em 12 de Junho de 1875, nas páginas da revista «A Lanterna Mágica».

De revista em revista, de situação em situação, esta figura que simboliza o

(Conclui na página 7)

DE SEMANA A SEMANA

Duas «Gaffes» políticas

Meses atrás, o sr. Schmidt, chanceler da Alemanha Ocidental, revelou a manobra que ele, de conluio com os Estados Unidos, a França e a Inglaterra, pôs em execução para pressionar os democratas cristãos italianos a não se coligarem com o P.C.I. para formar governo. E os democratas cristãos obedeceram. Com certeza não só por temerem a falta de ajuda económica que o sr. Schmidt declarou que lhes seria retirada, mas ponderando também toda a espécie de sabotagens que seriam desencadeadas com vista à desestabilização do país.

Claro que, atitudes como estas, se vão tomando todos os dias, nos mais diferentes pontos do globo, mesmo que, como na Itália, elas estejam em frontal oposição aos princípios democráticos que qualquer daqueles países diz defender. Depois do Chile, já poucas pessoas ficarão admiradas de que o sr. Schmidt, ou o sr. Giscard, conspiram contra a democracia, único fundamento do seu próprio poder. O que ainda nos vai admirando é que essas coisas se digam publicamente.

★

Na semana passada, o sr. Ford, estando nessa altura em New York o nosso ministro Medeiros Ferreira, declarou perante as câ-

maras de televisão dos Estados Unidos, que foram estes que impediram os comunistas de tomar o poder em Portugal, depois do 25 de Abril.

Não sabemos se o ministro Medeiros Ferreira, que se encontrava tão perto, a ouviu. Como não sabemos se, antes de regressar a Portugal, deixou ou não ao seu colega americano alguma nota de protesto. E também desconhecemos se, pelo contrário, o nosso ministro não terá sido levado a associar as constantes deslocações do sr. Carlucci por todo o Continente e Ilhas, as actividades das ITT's americanas, as acções dos mais diversos conselheiros dos Estados Unidos (a quem nem o desporto escapa) e outras mil formas, mais ou menos veladas, de «ajuda» ao povo português com aquela afirmação do presidente da mais poderosa nação do mundo.

Ou será, mesmo, que o sr. Gerald Ford, apesar das suas pesadas responsabilidades, mentiu descaradamente aos seus milhões de eleitores?

Problema de confiança do povo dos Estados Unidos, na sua qualidade de eleitor, é verdade. Mas, neste caso, problema também daquelas forças que em Portugal se têm reclamado, com tanto empenho, da iniciativa das acções atribuídas agora aos Estados Unidos. E, então, quem desmente publicamente o Presidente da América? E quando?

Finalmente o complemento da 2.ª Via



O acabamento da segunda via da Avenida 24 foi agora decidido com a inauguração do moderno posto de abastecimento de que apresentámos esta imagem.

Um melhoramento básico

Em despacho emanado pela Secretaria de Estado de Recursos Hídricos e do Saneamento Básico, em 29/9/1976, foram finalmente adjudicadas a J. Pereira da Rocha, as obras: «Saneamento de parte da freguesia de Anta», por 1.890.265\$00 e «esgotos de Monte Lírio» por 1.651.197\$00.

O processo referente à sua concretização, estava já há algum tempo em curso, mas dificuldades várias não o fizeram avançar. Acabou final-

mente por ir às mãos do Ministro, que o fez seguir através da sua Secretaria de Estado. Apesar disto, as obras só começarão depois de posterior decisão adjudicatária, pelo que cremos não tardarão a arrancar. Logo que isso aconteça, as populações de Anta e Monte Lírio, poderão ver concretizado um velho anseio por que há muito lutavam. Esperemos pois que as obras comecem o mais cedo possível.

COMISSÃO INSTALADORA DO HOSPITAL DE ESPINHO

Tomou posse no passado dia 4, segunda-feira, a Comissão Instaladora do Hospital de Espinho. Em representação do Governo, esteve presente o dr. Afonso Cunha, director de saúde do distrito de Aveiro. Após a tomada de posse da Comissão, o dr. Afonso Cunha fez uma pequena intervenção, salientando o papel desempenhado pelas Casas de Misericórdia no que se refere à assistência médica no domínio público. Referiu-se ainda à Constituição salientando aí a necessidade de um trabalho virado para as necessidades das populações. Frisou bem o dr. Afonso Cunha, que o Governo está disposto a assegurar um bom serviço hospitalar e que, portanto, o hospital manteria, pelo menos, os serviços até agora existentes.

Falou depois o dr. Miranda Valente — actual presidente da Comissão Instaladora — que agradeceu a presença do representante do Governo e referiu esperanças quanto ao desejo de toda a Comissão exercer um bom trabalho, contando para isso com o apoio do Governo. Aludiu também ao bom trabalho desenvolvido pelo hospital, que abrange uma grande área populacional, desejando que esse trabalho se melhore ainda mais.

Da cerimónia, ressalva-se pois a promessa feita pelo Governo de dar uma constante colaboração num bom e eficaz trabalho do hospital, o que na realidade é o desejo latente de todos nós.

MARÉ VIVA O JORNAL DA REGIÃO

MARÉ VIVA

SEMANARIO

Propriedade:

NASCENTE — Cooperativa de Acção Cultural, s.c.r.l

Redacção — Rua 62 n.º 251 - 1.º
Telef. 921621

ESPINHO

Director:

Vitor Sousa

Fizeram este número:

Ana Maria — António Capelo — António Letra — Augusto Mota — Fausto Neves — Joaquim Fidalgo — Jorge Catarino — José Gonçalves — Morais Gaio — Vitor Sousa.

Colaboração especial:

Alberto Barbosa — Carlos P. Morais.

Composição e Impressão

Officinas Gráficas

da Casa Nun'Alvares — Porto

NO TI CI AS

VIOLÊNCIA A RODOS

A cidade de Espinho tem sido ultimamente palco de várias cenas de pancadaria. As suas causas são na maior parte questões pessoais, embora por detrás esteja um grupo de pessoas bem distinto — os retornados.

O facto tem suscitado por parte da população, várias reacções e boatos que na generalidade não correspondem à verdade.

A agravar e a provar isto, está o sucedido no passado dia 25, um burburinho que nasceu na cave do Café Cristal e se arrastou até ao largo da Graciosa.

Para resolver a contenda foi necessária a intervenção da polícia e o rescaído saldou-se por alguns feridos, um com relativa gravidade. Tanto quanto conseguimos apurar, a contenda, que envolveu várias pessoas, começou com um mal-entendido. As causas desse mal-entendido, segundo nos disseram dois jovens trabalhadores da Cave do Café Cristal, foram uns copos a mais, que a noite de sábado geralmente convida a beber. Além dos feridos, a dona da Cave, ficou também a lamentar-se pelos danos materiais causados na sua casa de pasto, e foi apresentar queixa à polícia que tentará averiguar quais os reais causadores e culpados do ocorrido.

CINEMAS

S. PEDRO

Dia 14, Quinta-feira — «A Primeira vez sobre a Relva». — Maiores de 13 anos.

A primeira tem sempre outro sabor! E se você experimentasse ir ao cinema? Não é pela primeira vez, mas nem só de dormir vive o homem.

Dia 15, Sexta-feira — «Inocência e Turbamento» — Maiores de 18 anos.

Há tantos inocentes neste mundo, que mais um para trás ou para a frente, não aquece nem arrefece.

Dia 16, Sábado — «O Rally das Zonas» — Maiores de 18 anos.

«Este filme contém cenas eventualmente chocantes!» Outro. Até já passa despercebido mesmo com «Garotas de todas as cilindradas». Não vá, porque o mundo não acaba hoje.

Dia 17, Domingo — «Uma Mulher da Rua» — Maiores de 18 anos.

Uma ida ao cinema para ser verdadeiramente útil, terá que resultar numa mensagem que nos é transmitida através duma história bem contada, técnica e artisticamente falando. Experimente!

Dia 19, Terça-feira — «O Cardeal» — Maiores de 18 anos.

Apesar de todas as reservas que queiramos apontar, você deve ver este filme de Otto Preminger.

CASINO

Dia 13, Quarta-feira — «Amor em Tons Eróticos» — Maiores de 13 anos.

Uma película de Mai Zetterling! Por vezes ir ao cinema não é tempo perdido.

Dia 14, Quinta-feira — «Heróis do Oeste» — Maiores de 13 anos.

«2 novos «Trinitás»? «Trinitá» só há um o Terence Hill e mais nenhum! E, se apesar de tudo, aquele podia ser visto, este não merece o seu esforço! Estamos em época de austeridade, não se canse sem justificação.

Dia 15, Sexta-feira — «Os Malucos do Supermercado» — Tarde — Maiores de 6 anos. A Noite — Maiores de 10 anos.

Há tantos malucos neste mundo, neste país e nesta cidade, para quê ir ao cinema?

Dias 16 e 17, Sábado e Domingo — «Meninas Bem» — Maiores de 18 anos.

De meninas bem, cujo comportamento é péssimo já nós estamos fartos!

Dia 18, Segunda-feira — «Não Sei Mas Digo Tudo» — Tarde — Maiores de 6 anos. Noite — Maiores de 10 anos.

No meio de tanta porcaria, talvez este filme de Pierre Richard escape. Mas à rasquinha!

ESCRITAS

PART-TIME

Quaisquer serviços de escritório

Mário A. A. Ferreira

Apartado 47 — Espinho

Vende-se

TERRENO PARA CONSTRUÇÃO

Área 1.500

Falar na

Rua 24 n.º 781 — ESPINHO

NOVO POSTO DE GASOLINA

No último dia 4 foram abertos ao público os serviços do novo posto de abastecimento de combustível da SONAP.

Foi assim substituído um outro posto, uns metros atrás, também na Avenida 24, e que já se sabia condenado desde a aprovação do projecto de alargamento daquela avenida para duas vias. Nessa altura, em 1972, o seu proprietário, sr. José Martins, iniciou as diligências para a substituição que só agora se concretizou.

Como quase sempre acontece, o processo foi-se arrastando, o que fez com que a nova faixa de rodagem ficasse concluída antes da aprovação do projecto do posto. Valeu a boa vontade da C. A. da Câmara, que se associou aos esforços do sr. Martins e dos técnicos da Petrogal (que reúne as empresas petrolíferas nacionalizadas, entre elas a SONAP), para que a obra avançasse. Refira-se, por exemplo, que a autorização pendente da Direcção-Geral de Combustíveis demorou oito meses!

Soubemos também que a proprietária do novo posto é a Petrogal, cabendo ao sr. Martins a exploração do serviço mediante contrato. Simultaneamente, foi resolvido o problema dos trabalhadores do antigo posto, que vieram ocupar o novo.

Em conclusão, Espinho passa a ter, num ponto obrigatório de passagem para milhares de automobilistas por dia, um posto de abastecimento que reúne ao seu aspecto agradável e funcional, a particularidade de ter visto quadruplicada a capacidade dos seus depósitos, o que lhe confere maior autonomia no caso de um acréscimo de procura de combustível.



Amândio Manuel de Carvalho e Sousa

11/10/1975

No primeiro aniversário do seu falecimento, a ternura e a saudade infinda de sua

FAMÍLIA

FARMÁCIAS

QUARTA — Farmácia Teixeira
Rua 19 n.º 46 — Telefone 920352

QUINTA — Farmácia Santos
Rua 19 n.º 263 — Telefone 920331

SEXTA — Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Telefone 920250

SABADO — Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Telefone 920320

DOMINGO — Grande Farmácia
Rua 62 n.º 457 — Telefone 920092

SEGUNDA — Farmácia Teixeira
Rua 19 n.º 46 — Telefone 920352

TERÇA — Farmácia Santos
Rua 19 n.º 263 — Telefone 920331

Maré - rua

Títulos do tesouro & 13.º mês

Uma das resoluções tomadas pelo actual Governo que mais tocou o comum dos cidadãos foi o anunciado pagamento em títulos do tesouro do 13.º mês, para aqueles que auferem vencimentos superiores a 5.000\$00.

Como a época natalícia, o fim do ano e o conseqüente 13.º mês se aproximam, resolvemos sondar as pessoas sobre esta recente medida.

Principiámos pela opinião de um estudante espinhense que preferiu permanecer no anonimato:

«Creio que esta medida só irá prejudicar todos os que possuem muito dinheiro e não aqueles de poucos recursos. Devido a isto, acho bem a medida».

Procurámos novas pessoas, novas opiniões.

«Acho muito bem, pois a maioria das pessoas ganha ordenados inferiores a 5 contos e tudo o que seja acima desta quantia, em décimo terceiro mês, deverá reverter para ajuda ao País».

Assim falou o sr. Joaquim Passos, técnico de obras, enquanto aproveitava os momentos de lazer que o fim do dia proporciona para dar uma olhada aos cartazes do Casino.

Do outro lado da passagem subterrânea fomos interromper a leitura do jornal do sr. Antero Sá Couto, empregado de escritório, que afavelmente colaborou com «Maré Viva»:

«Creio ser uma boa medida: quem ganha mais de 5 contos, acho que tem o suficiente para viver e colaborar com o plano do Governo».

Entretanto, o J. Pinheiro, desempregado, não partilhava a mesma opinião:

«Creio que não será isso que virá resolver a actual crise económica. Quem deverá pagá-la serão os capitalistas e não o Povo trabalhador. Cinco contos hoje em dia não é nada! Talvez só a partir de 10 contos fosse admissível...»

Repare, um trabalhador que ganha 6.000\$00, paga 3 contos na

renda, ficando com o restante para alimentação, filhos, etc. Claro que está a contar com o 13.º mês para pagamento de dívidas e outras compras de menor necessidade. Sendo este pago em títulos do tesouro...

Tenho imensa pena que as indemnizações feitas aos capitalistas, latifundiários e accionistas não sejam também feitas em títulos do tesouro...».

Depois desta desenvolvida explanação sobre o assunto, ouvimos ainda mais uma achega dada pelo sr. Hermínio Martins, empregado de mesa:

«Olhe, não sei que dizer: por um lado acho bem, porque vai ajudar o Estado; por outro lado, as pessoas precisam tanto do dinheiro...».

E fechámos a loja. Achámos já ter mencionado suficientes opiniões para o leitor apreciar e formular também a sua sobre o assunto. Se tiver alguma achega a fazer não hesite — escreva-nos mesmo!

Transportes Urbanos

(Conclusão da 1.ª pág.)

a ser melhorada com o andar dos tempos.

Parece-nos de bastante interesse referir que está nas intenções desta empresa a criação de passes mensais para estudantes, o que poderá servir a população escolar de Espinho, que será, por certo, a grande massa dos utentes dos transportes urbanos.

Feitos os estudos necessários e os projectos que referimos, resta aguardar que a Direcção-Geral dos Transportes Terrestres se pronuncie sobre as alterações propostas por esta empresa e que a Câmara em devido tempo fez seguir para aquele departamento.

Ao fim e ao cabo ainda não tínhamos a resposta para a pergunta inicial: porquê a aceitação de riscos que fizeram recuar as grandes empresas? Disseram-nos simplesmente: vontade de trabalhar e de arranjar para cada sócio um posto de trabalho retirando do exercício um salário compatível.

J. PINHEIRO DE MORAES

CLÍNICA GERAL

Rua 20 n.º 390 — Telef. 920452

Notícias • Notícias • Notícias

A CERCÍ AVANÇA!

No passado sábado, dia 9 do corrente mês, realizou-se no Salão Nobre da Câmara Municipal de Espinho, uma reunião promovida pela CERCÍ, com a presença de mais de 30 pais de crianças deficientes.

Esta reunião foi presidida por Artur Pereira Bártolo, vice-presidente da Comissão Administrativa da C. M. E., que expôs a actual situação da cooperativa CERCÍ e suas finalidades. Por outro lado, a D. Maria Fernanda Ribeiro Cardoso a propósito dos objectivos da cooperativa e do trabalho que esta pretende realizar com as crianças deficientes mentais, referiu a curto passo que «as crianças serão preparadas para a vida, aproveitando-se as suas possibilidades. Caso não possam aprender a ler, terão a hipótese de se

dedicarem a outras actividades. No entanto, será necessário que a família acompanhe de perto as crianças, para que não se perca o trabalho realizado na escola».

No decorrer deste encontro, os pais das crianças levantaram vários problemas, entre os quais o relacionado com o seu transporte. A este propósito, foi-lhes respondido que numa fase efectiva do funcionamento da CERCÍ e da sua escola, a cooperativa poderá arranjar meios de buscar e levar as crianças, devendo, no entanto, os pais colaborar.

Finalmente, alguns pais especificaram os casos concretos dos seus filhos, na esperança dum auxílio efectivo e inteligente que consiga, dentro das possibilidades, adaptar estas crianças ao mundo a que têm direito de pertencer.

DESENCARTADOS — MAIS UM

A julgar pelas constantes prisões por condução ilegal, concluiremos que tal condução deve dar prazer duplo a quem a faz. Só que todo o prazer que se possa sentir não paga as vidas que muitas vezes se perdem por tais desacatos. Espinho não é excepção no que se refere à condução ilegal. «Fangios» desencartados há-os por aí aos montes e os detidos por tal motivo crescem assus-

tadoramente. No passado dia 2 mais um se veio juntar. Trata-se de Francisco da Fonseca Luís, de 30 anos e morador em Vilar do Paraíso — Valadares, apanhado numa operação de fiscalização de trânsito levada a cabo pela P.S.P. de Espinho. O infractor irá responder pelo seu acto e esperamos que mais este exemplo leve outras pessoas a tomar consciência de quão perigoso é conduzir sem carta.

NÃO VÁ AO CINEMA — VEJA AO VIVO

«Zangam-se as comadres, descobrem-se as verdades». Vem este velho provérbio a propósito, não de qualquer descoberta feita a partir duma zanga, mas de uma zanga feita a partir de uma descoberta. Descobriu a sra. Lina Teixeira que a sua vizinha, a sra. Amélia Rodrigues Pinto andava a dizer mal dela. Descobriu porque ouviu. A partir de então gerou-se entre ambas dura discussão, tendo a segunda lançando insultos que a outra considerou altamente caluniosos não só para si como também para seu marido, o sr. António Queirós Branquinho. Não se sentindo capaz de resolver sozinho o assunto, a sra. Lina esperou que o marido regressasse do trabalho para o pôr ao corrente da situação. Este, sentindo-se ferido pessoalmente, resolveu pôr em «pratos limpos» o ocorrido. Vai daí, encaminhou-se até casa dos vizinhos, onde lhe foram dadas as boas-vindas com pedras e paus que a sra. Amélia, marido e filha arranjaram para este efeito. Em seu socorro foram também a esposa e uma filha, gerando-se a partir de então verdadeira luta campal que terminou com ferimentos no sr. Branquinho, esposa e filha. Depois de terem recebido tratamento, foi necessário que a sra. Lina ficasse internada no hospital de Sto. António. Mas não ficaria por aí a contenda: o sr. Branquinho não satisfeito com o rescaldo final, meteu-se em casa, tendo daí disparado dois tiros com uma pistola de alarme. Alertado por tudo isto, uma nova personagem apareceu, esta a pôr cobro à situação: o sr. Manuel Ferreira Mendes que resolveu telefonar para a esquadra da P.S.P., que prontamente

GUARDA-CHUVA — DUPLA UTILIDADE

Normalmente o guarda-chuva é utilizado para abrigar as pessoas das chuvas que no Inverno são muito frequentes entre nós. Mas o feitio que este apresenta, leva muitas vezes as pessoas a confundir a sua normal utilidade, acrescentando-lhe outra: a de arma defensiva e ofensiva. Assim o entende o sr. Joaquim Mendes Pinto da Cunha, residente em S. Félix da Marinha, já que desse modo o utilizou para agredir um guarda da P.S.P. quando este o convidou a acompanhá-lo à esquadra. Depois de proferir publicamente certas palavras consideradas menos dignas, o sr. Joaquim foi convidado pelo agente policial a acompanhá-lo. Pensando no que posteriormente lhe poderia acontecer, agrediu o agente com um guarda-chuva, pondo-se depois em fuga. De nada lhe valeu a tentativa já que viria mais tarde a ser encontrado. Pelo ocorrido irá agora responder perante o tribunal que talvez o aconselhe a não usar guarda-chuva de futuro.

P. S. — Não pense o leitor em dar semelhante utilidade ao referido objecto, pelo facto de ser altamente desolador ter de apanhar a chuva pelas costas abaixo.

acorreu tendo-se inteirado do sucedido.

Aqui fica, para que conste, a história duma desavença que poderia ter dado excelentes cenas de pancadaria numa fita «Kung-fu», tanto em voga nas nossas casas de espectáculos. Apenas uma diferença: enquanto os heróis do cinema são maioritariamente orientais, estes são nossos vizinhos do lugar da Quinta em Anta.

BAPTISTA

Móveis e Decorações

Rua 20 n.º 528

ESPINHO

O sindicato va
tomar uma posição

Compra da cortiça

O sector de transformação da cortiça, de grande importância económica na nossa região, encontra-se disperso por um tal número de empresas, que, em certas zonas, mal sabemos, batendo a uma porta, se vamos encontrar uma habitação ou uma fábrica de rolhas. Tal proliferação (de que daremos aspectos em próximos artigos) engendra problemas que interessam directamente os trabalhadores, mas tradicionalmente deixados ao cuidado das entidades patronais.

O problema da aquisição da cortiça é um dos mais característicos e está a tomar tal dimensão, actualmente, que a Direcção do Sindicato dos Corticeiros tomou a decisão de intervir.

AS GRANDES LINHAS

As grandes linhas desta questão são fáceis de definir. Começou a haver uma grande procura de cortiça, os preços, como é óbvio, subiram. Os grandes industriais reforçam os seus grandes «stocks», os médios «atiram-se para o mato» e compram a qualquer preço, aos pequenos resta o destino do «mexilhão»: lixam-se. O problema é levado à Associação onde os pequenos industriais protestam, mas nada se resolve.

O Sindicato, ciente de que as dificuldades das pequenas empresas significam desemprego e se reflectem na vida de centenas de trabalhadores, seus associados, pôs-se ao lado dos pequenos patrões, no sentido de lhes ser facilitada a aquisição de cortiça. Como primeira fase de trabalho organizou um inquérito às pequenas empresas. As acções concretas serão definidas depois de serem conhecidos os resultados desse inquérito que, neste momento, já está acabado.

O PATRONATO PREPARA-SE PARA AS NEGOCIAÇÕES

Para conhecermos melhor as linhas mltidas do problema, trocámos impressões com dirigentes sindicais que nos puseram ao corrente de vários aspectos.

A explicação da euforia de compra de cortiça a preços elevados encontra-se, presumem, em várias ra-

LOUROSA

Central Produtora Corticeira paralisada de novo

Temos frequentemente noticiado paralizações de empresas, na nossa região, como processo de luta. Cada paralização, implicando diminuição do produto fabricado, constitui um pequeno, mas raras vezes grande, golpe na Economia Nacional. Interessa pois a todos saber ao certo, em cada paralização, quem provoca e quem é provocado. Ao fim e ao cabo, a quem cabem as culpas.

A resposta mais fácil e até oficial é a de que cabem sempre aos trabalhadores, mas caberão?

Na Central Produtora Corticeira onde estivemos, uma semana depois de iniciada a paralização que dura desde o princípio do mês corrente, segundo os trabalhadores, passou-se o seguinte:

No último dia do mês de Setembro, ao fim da tarde, os delegados sindicais foram chamados ao escritório, com o fim de lhes ser pedido que avisassem os restantes trabalhadores de que a empresa não efectuará os pagamentos devidos nesse dia, por falta de dinheiro. Para além da manifesta falta de tempo para fazerem os avisos pedidos, nada foi adiantado aos delegados sobre a data em que seriam pagos, quer os salários do mês de Setembro, quer os subsídios de férias, em dívida a grande parte dos trabalhadores.

Em face disto, no dia 1 de Outubro, os trabalhadores não retomaram a laboração. Já não é a primeira vez que tal acontece naquela firma. Ainda recentemente, conforme demos notícia, aquela unidade paralisara pela mesma razão, e logo surgira o dinheiro suficiente para se entrar num acordo. Também desta vez

zões. Destas, a primeira será a baixa na tiragem da cortiça, um problema que está ligado à natureza do ano agrícola. A segunda prende-se com questões de táctica patronal: aproximam-se as negociações da contratação colectiva e as empresas poderão ver vantagem em apresentarem-se à «mesa» sem dinheiro, cheias de dívidas, embora, com matéria-prima para vários anos (?) de laboração. A terceira é de ordem política: procurar as «boas graças» das Cooperativas Agrícolas Alentejanas, fazendo-lhes ofertas vantajosas para estas entregarem (talvez por não estarem avisadas) directamente a cortiça, levando-as a deixar de lado o I.R.A. e (os grandes empresários também sonham, não é?) ficarem agradecidas à C.I.P. Claro que há uma outra razão que é preciso não esquecer, a concorrência capitalista que obriga as grandes empresas a esmagar as mais pequenas, se lhes convier.

O CONTROLO DE GESTÃO PODE MODIFICAR AS COISAS

Sobre a reacção dos patrões abrangidos pelo inquérito, os dirigentes sindicais informaram-nos que, de uma maneira geral, foi boa e mesmo que, desta vez, até compreenderam

surgiu dinheiro. Ao meio-dia do dia 1 os trabalhadores foram avisados de que podiam receber o mês de Setembro. Porém, quanto aos subsídios de férias não houve acordo. Os trabalhadores deram à empresa um prazo de dois meses — até ao fim de Novembro — exigindo desta o compromisso escrito que efectuará os pagamentos nesse prazo. A empresa contrapõe que pagaria, mas não assinava compromisso nenhum. Mais tarde em negociações, na Delegação do Ministério, em Aveiro, o gerente viria a confessar que não assinava nada, por birra — fazer uma birrinha aos operários. A paralização prossegue e os trabalhadores acrescentaram agora às suas reivindicações o paga-

mento dos dias de greve, uma vez que consideram a gerência como única responsável pelo que se está a passar.

Os trabalhadores comentaram ainda para a nossa reportagem o facto de a empresa ter atravessado períodos maus sem estas «birras» e, agora que a produção não chega para as encomendas, elas surgirem. Além disso, assinalam a técnica da gerência em dividir os trabalhadores. De facto alguns operários a ela afectos mantêm-se a trabalhar pois foram pagos a tempo. A gerência serve-se destes trabalhadores para tentar intimidar os outros a quem confessou ter elaborado uma lista de bons, médios e maus. Continuaremos a dar notícias.



PAPÉIS DO VOUGA

UMA FÁBRICA DIFERENTE COM OS TRABALHADORES À FRENTE

Temos novas e boas notícias a acrescentar à recente entrevista que a Comissão de Trabalhadores da Sociedade Transformadora de Papéis Vouga nos concedeu e publicámos sob o título «Uma experiência que interessa conhecer». Exactamente, por altura dessa publicação, um novo gestor na firma conseguiu pôr em prática o consignado do Decreto n.º 422/76, chamando de novo a Comissão de Trabalhadores a parti-

o papel do Sindicato. Isto sem que alguns, muito raros, respondessem concretamente que «isso de comprar a cortiça, cada um safa-se como pode».

Quanto à esperança que há em levar os pequenos patrões a pôr em prática as soluções possíveis, os nossos interlocutores estão conscientes dos factores que a diminuem. É difícil levar os pequenos patrões a bulirem com os interesses dos grandes porque dependem deles de várias formas, e têm medo. Por outro lado, não existe na zona qualquer tradição cooperativa que encoraje a formação de grupos de empresas que poderiam competir com as grandes na aquisição da cortiça, na colocação de produtos, etc., e, ao mesmo tempo, melhorarem as garantias dos seus trabalhadores.

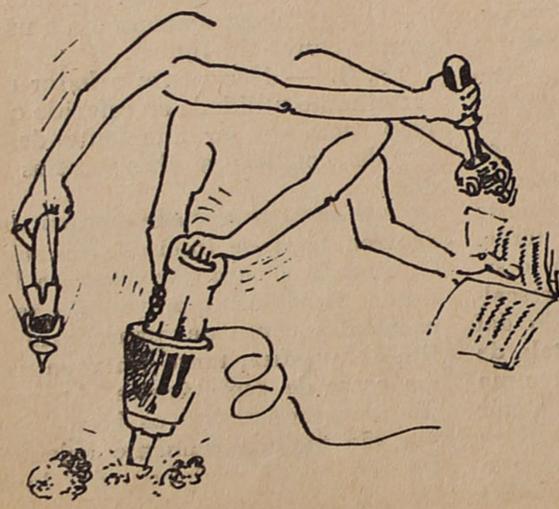
Este problema, ainda na opinião de dirigentes sindicais, poderá encontrar solução no âmbito do exercício do controlo da gestão, por parte dos trabalhadores. Estes, com a sua solidariedade, hábitos de organização e solução colectiva de problemas, poderão tornar-se factor decisivo para que as empresas encontrem uma dimensão estável e rentável, dando segurança e condições de vida a quem lá trabalha.

«Maré Viva» vai tentar continuar a acompanhar este assunto e manter os leitores informados.

cipar na gestão da firma. Os resultados não se fizeram esperar. No mês transacto a firma começou a admitir pessoal, foram admitidas dez pessoas; os resultados financeiros são também significativos, milhares de contos. Isto apesar dos denodados esforços que, segundo os trabalhadores, o sr. Couto tem feito, movendo as suas influências no sentido de boicotar os fornecimentos à firma. Um seu procurador, além de ter comentado que os trabalhadores tinham vindo para o «Maré Viva» porque os outros jornais não lhes ligavam, (tem o seu quê de verdade), escreveu para os bancos tentando impedir que a gestores públicos fizessem a movimentação das contas bancárias da firma.

Também relacionado com o mesmo assunto, recebemos conhecimento de uma comunicação da 5.ª Repartição do Quartel-General da Região Militar Norte, à Comissão de Trabalhadores, segundo a qual (comunicação) não seriam exactos os factos que nos foram relatados. Junto daquela Comissão obtivemos a confirmação de que os factos eram exactos e deles existe prova documental.

Entretanto, a nacionalização daquela unidade parece agora próxima e é, aliás, solução sem alternativa. Ao assumirem responsabilidades na gestão da firma, os trabalhadores não pretendem tornar-se capitalistas. Aspiram isso sim, a ver os dinheiros que eram desbaratados por má administração, postos ao serviço da empresa, nomeadamente na criação de equipamento social. Para já está em curso um inquérito para avaliar a oportunidade de instalação de uma cantina. Depois, a seu tempo, há-de pensar-se numa creche. Enfim, assegurar trabalho para todos e para mais, e melhorar as condições de vida — aspirações de todos os trabalhadores.



TRA BA LHO

Voltou a vida às Escolas Primárias

São mais de 3.000 no concelho de Espinho. E perto de 1 milhão em todo o País. Ainda crianças de tenra idade, lá foram, muitas delas pela primeira vez, contactar com uma vida diferente. Lá foram encontrar muitos amigos (os inesquecíveis «amigos de escola»...) experimentar um mundo de coisas novas, aprender. Aprender dos professores ou aprender com os professores. Aprender os livros, aprender a vida.

Tudo isto é muito interessante, há mesmo um certo sabor a poesia quando se fala nos «milhares de batatas brancas a esvoaçar», mas a realidade neste momento em Portugal é um pedaço diferente. O ensino continua na ordem do dia... e de que maneira! Os problemas são graves. Bem o podem dizer, já, os professores. Bem o poderão dizer, mais tarde, os alunos.

Há, para começar, situações graves de desemprego. São milhares de professores que vão ficar sem trabalho. Há excesso de docentes? Em princípio parece que sim. Mas quando nos pomos a ver as escolas de que este país ainda precisa, as salas de aula que faltam, os milhares e milhares de crianças em péssimas condições de aprendizagem, concluiremos que talvez não haja *realmente* professores a mais. Todos eles seriam precisos, se houvesse uma política educacional capaz, bem definida, popular, se houvesse as tais estruturas aptas para absorver esses trabalhadores. Assim, ficam professores sem alunos e alunos sem professores. Sim, porque fazer turmas de 1.ª classe com 30 ou até mais crianças é, na prática, lançar ao de-

semprego um professor que seria bem necessário para o ensino de metade desses tantos alunos.

O que vemos? Os postos de trabalho diminuem em vez de aumentar, só com 25 alunos se pode criar um lugar novo (o que origina turmas enormes, pedagogicamente contra-indicadas sob todos os aspectos).

A situação é difícil. Também a nível de instalações as coisas não são óptimas, se bem que estejam já num ponto razoável. E aqui uma chamada para louvar o óptimo trabalho desenvolvido pelas Comissões de Pais do concelho de Espinho. Com o precioso auxílio da Comissão Administrativa da Câmara, superaram dificuldades tremendas, para fazerem uma obra digna de registo. Muitas escolas foram de tal modo melhoradas nas suas condições que quase se tornaram irreconhecíveis (no bom sentido, claro...). Por todo este ano lectivo deverá construir-se o novo complexo escolar (de que «Maré Viva» apresentou os projectos), além de uma escola em Anta. Portanto as perspectivas são melhores para o próximo ano.

Vamos a ver como se desenvolvem as coisas. Esperamos em breve fornecer aos nossos leitores alguns dados mais concretos, números, depoimentos pessoais, etc. Até lá, estejamos atentos. E, sobretudo, muito conscientes da gravidade de todas estas coisas que se passam no ensino, ameaçando muitos trabalhadores de desemprego, ameaçando muitos alunos de um ensino em condições desfavoráveis, ameaçando-nos a todos de um ano lectivo «quente», caótico, difícil. E perigoso.

NASCENTE CENTRO DE ESTUDOS

Cursos intensivos do 1.º, 2.º e 3.º ciclos

Com 50 alunos já inscritos neste momento, vão-se iniciar, no próximo dia 18, as aulas dos cursos intensivos que o Centro de Estudos da NASCENTE vai lançar especialmente para trabalhadores-estudantes.

Todos os alunos deverão, até ao fim desta semana, passar na sede da NASCENTE, entre as 20 e as 24 horas, a fim de tomarem conhecimento dos horários e fazerem a sua matrícula definitiva.

Com algumas dificuldades, esperadas umas, incompreensíveis outras, mas também com louvável e dedicada colaboração de muitos, vai concretizar-se a ideia que nasceu das dificuldades de toda a ordem que iam sendo postas a um grupo de estudantes que desejava cultivar-se e fazer os exames indispensáveis ao acesso nas suas carreiras profissionais.

Trabalhadores-estudantes a quem, na generalidade, sempre foi negado o acesso não só ao ensino, mas à cultura em geral, integraram-se na NASCENTE onde viram ser possível aliar à sua formação escolar, a prática das mais variadas actividades culturais. Assim é que,

já as comemorações do 5 de Outubro, de que se dá notícia noutra página deste jornal, foram uma realização conjunta da Secção Cultural da NASCENTE e do seu Centro de Estudos. Para além das actividades regulares do seu Cine-clube e do seu Jornal, é vasto o campo das realizações previstas quer no domínio da cultura, quer mesmo no do ensino que desejamos se não limite aos cursos de que estamos a dar notícia.

Para o planeamento e a concretização de todas estas ideias precisamos, porém, de mais gente que queira colaborar connosco, seja no Jornal, na Cultural, no Centro de Estudos, no Cine-clube, nos Serviços Administrativos, seja em outras secções que não criamos ainda por falta de quem as planeie e programe e, depois, execute as necessárias tarefas. Precisamos, portanto, de todas as pessoas que tenham algum tempo livre e estejam dispostas a pôr ao serviço da NASCENTE, que é um mundo de possibilidades, a sua imaginação, a sua capacidade de organização, mesmo a simples vontade de executar tarefas. A todos diremos bem-vindos.

CORPO DOCENTE

Temos já assegurado o concurso dos seguintes professores:

- AGOSTINHO CHAVES
Bach. em Biologia
- ANA MARIA FAUSTINO
Lic. em Matemática
- FÁTIMA BAÍA
Bach. em Românicas
- FILOMENA LACERDA
Lic. em Germânicas
- JORGE CUNHA
Lic. em Económicas
- LEONEL PIAS
Bach. em Matemática

- MARIA EMÍLIA DIAS
Bach. em Germânicas
- MARIA HORTENSE BARBOSA
Lic. em Germânicas
- OCTAVIO T. FERREIRA
Bach. em História
- OLGA OLIVEIRA
Lic. em Germânicas
- PAULO DIAS
Bach. pela Esc. Belas-Artes
- ROGÉRIO RAMOS
Est. 4.º ano de Medicina

PROPINAS

As propinas a que ficarão obrigados os alunos deste Centro de Estudos em pouco excedem metade das que são habituais em outros estabelecimentos de ensino. Além disso os nossos alunos não terão de pagar qualquer importância a título de inscrição ou matrícula.

Como é evidente, isto é só possível porque funcionamos em sistema de cooperativa (onde, portanto, se não procuram lucros) e porque a esmagadora maioria das pessoas que aqui praticam o ensino e fazem a gestão do Centro de Estudos trabalha sem qualquer remuneração.

Desejamos ainda informar os nossos alunos de que, se não houver

um número significativo de desistências ao longo dos cursos e se vierem ainda a inscrever-se mais alunos, é muito provável que, no fim do ano lectivo, aos alunos que ainda se encontrarem então a frequentar aulas, seja distribuída (dos excedentes que houver) uma parte proporcional ao montante das propinas pagas.

Porque a maioria dos nossos alunos são trabalhadores-estudantes, recebendo, por isso, uma remuneração mensal, entendemos que lhe deveria ser facultado o pagamento das propinas em prestações mensais. Assim, o seu montante anual foi dividido em seis prestações, a pagar mensalmente, a primeira das quais no acto da matrícula definitiva.

Ciclo completo	Trimestre	Ano	Prestação mensal
1.º	900\$00	2.700\$00	450\$00
2.º	1.590\$00	4.770\$00	795\$00
3.º	1.440\$00	4.320\$00	720\$00

Além desta tabela, aplicável aos alunos que se matricularem em todas as disciplinas de qualquer dos ciclos, temos já elaboradas as tabelas aplicáveis a qualquer número de disciplinas.

CASA LUISA NOGUEIRA

João César da Costa

DEPÓSITO DE FRUTAS ★ VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua 16 n.º 750

ESPINHO

Telef. 920304

Empresa Gráfica de Seixezelo

DE

Cardoso & Valentim, Lda.

APARTADO 13

SEIXEZELO

ARGONCILHE

PUB.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE CELULOSE, PAPEL, CARTÃO CANELADO, SACOS DE PAPEL E AFINS DOS DISTRITOS DE AVEIRO, BRAGA E VISEU

MOÇÃO

Os Delegados Sindicais do Sindicato dos Trabalhadores Papeleiros, reunidos na sede em Paços de Brandão, no dia 23 de Setembro de 1976, aprovaram a seguinte Moção:

1.º — Repudiar veementemente as manobras dos patrões que despedem dirigentes sindicais e respectivos delegados, para assim mais facilmente manobrar os trabalhadores pela intimidação e pelo terror.

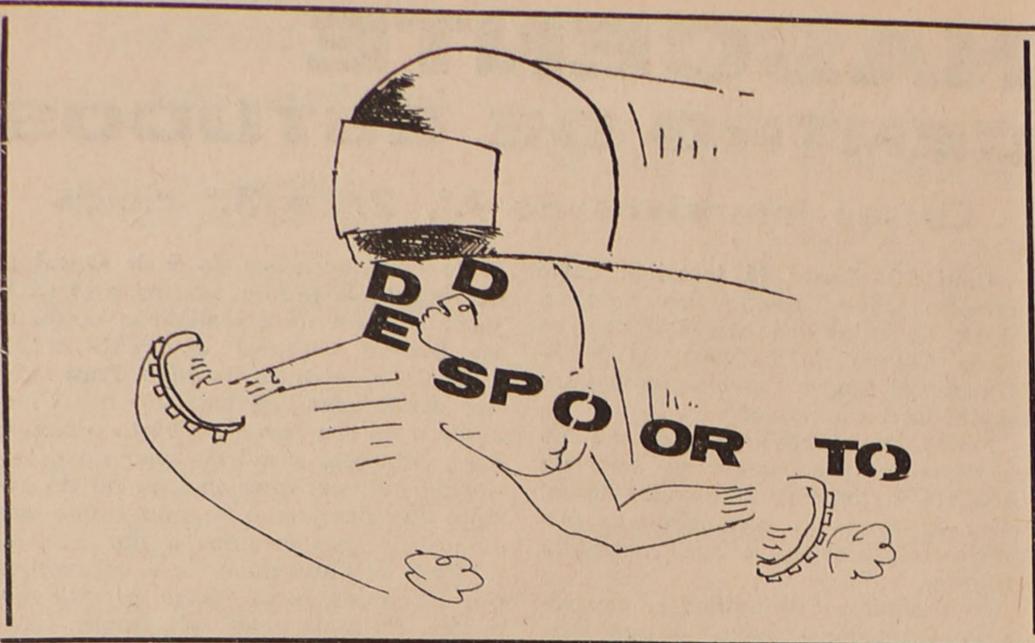
2.º — Repudiar veementemente as manobras dos patrões e seus lacaios que visam aniquilar as conquistas com grande sacrifício alcançadas pelos trabalhadores e já consagradas na Lei.

3.º — Alertar todos os trabalhadores para a tentativa por parte das entidades patronais de quebrar o movimento sindical defensor dos direitos dos trabalhadores.

4.º — Esclarecer os trabalhadores, para estarem atentos nos locais de trabalho e lerem devidamente a Lei e contrato de trabalho, pois a única intenção dos patrões é fazer com que os trabalhadores estejam mal esclarecidos para mais facilmente os explorar. Porque nós trabalhadores sabemos bem que para os patrões um trabalhador que saiba das Leis é um malandro e não percebe nada de trabalho.

29 de Setembro de 1976.

Os Delegados Sindicais



XADREZ

Um campeonato para a Académica

Concluiu-se no último dia 4 o Campeonato Regional do Porto para equipas, para jogadores de pontuação oficial inferior a 1600 pontos, o que fez excluir da prova os melhores jogadores do Norte.

Assim sendo, a A.A.E. apresentava-se como principal favorita dado que, como já aqui dissemos, não dispondo de elementos de alta categoria, reúne já um lote de xadrezistas de valor apreciável, de que a juventude da grande maioria faz esperar grandes progressos. Este favoritismo acabou por se confirmar, a ponto de ser possível «rodar» novos federados, menos experientes, mas que apesar disso deram boa conta de si.

Não se apresentou, por isso, sempre com a equipa mais experiente, a A.A.E. conseguiu no entanto vencer todos os adversários conforme se segue:

A.L.A. de Gondomar, 1/2 — A.A.E., 3 1/2
 Grupo de Xadrez do Porto, 1 1/2 — A.A.E., 2 1/2
 A.A.E., 4 — C.D.U.P., 0
 A.A.E., 3 — N. J. Valboense, 1
 F. C. Porto, 1 1/2 — A.A.E., 2 1/2
 A.A.E., 4 — Castelo da Maia, 0

Jogaram pela A.A.E.: António Monteiro, Fernando Reis, Francisco Pinho, João Carvalhas, João Pereira, João Sarmiento, José Azevedo, Sérgio Ribeiro e Victor Sousa.

Entretanto, começou o Campeonato Regional por equipas, envolvendo já os melhores jogadores do Norte, onde não será possível repetir o êxito, mas que permite esperanças numa boa classificação, se nos lembrarmos do inesperado terceiro lugar conquistado o ano passado, atrás do F. C. do Porto e do G. X. do Porto.

Grupo Desportivo da Idanha clube pequeno, vontade grande

Para o nosso propósito de darmos a conhecer a vida dos pequenos clubes desportivos da região, achámos na última reportagem feita na Idanha uma boa oportunidade que resolvemos aproveitar. Fomos por isso de novo à Idanha, mais propriamente à sede do clube desportivo do lugar, o Grupo Desportivo da Idanha.

Do exterior do pequeno edifício, junto à estrada, apenas a placa com o emblema do clube permitia adivinhar que era ali a sede que procurávamos. Entrámos. Deparámos com uma sala agradável, com bar, televisor, uma prateleira com troféus e sentadas à volta de uma das mesas várias pessoas reunidas a discutir os problemas do clube. Mas nem só a direcção estava presente. Também outras pessoas do lugar aproveitavam para passar ali um bocado da noite e participar possivelmente na discussão.

A vontade das pessoas presentes em falarem do seu clube permitiu que desde logo iniciássemos uma conversa animada.

O Grupo Desportivo da Idanha existe desde há um ano com esta designação. Anteriormente havia o Idanha Futebol Clube, mas o desejo de estender a prática desportiva a outras modalidades para além do futebol levou à mudança do nome.

UM ORGULHO JUSTIFICADO, UMA OBRA IGNORADA

Entretanto, a grande conquista fez-se no futebol: foi a construção de um campo, com condições muito razoáveis de piso, apetrechado com balneários, com vedação, com um princípio de parque infantil anexo e, isto é IMPORTANTE, feito apenas à custa do trabalho dos entusiastas do clube e do apoio da população do lugar.

As pessoas sentem-se muito justamente orgulhosas da sua obra, mas queixam-se com razão de que os seus esforços não foram reconhecidos na sua justa medida, pois para além do transporte da energia eléctrica até ao campo e do aplainamento de um acesso (que foi aberto no meio de mato pela força dos braços da gente da Idanha) nada mais foi feito pela Junta da Freguesia. Inclusive uma pequena ponte sobre o Rio Largo que passa junto ao campo foi construída pelos próprios sócios e atletas do clube. Com a chegada das chuvas receia-se que a ponte e o acesso deixem de ser transitáveis.

Por isso, os constantes apelos que ouvimos para que aqui se chamasse a atenção da Junta e, por seu intermédio, da Câmara para que providenciasse para o arranjo da ponte e a pavimentação da estrada de acesso. Aqui ficam.

Ainda no futebol. Há uma equipa sénior que tem participado regularmente em provas populares, para além dum torneio promovido no âmbito do ENDO. Mas a falta de material (bolas, equipamentos, sapatilhas, etc.) não permitem que se criem equipas juvenis, conforme desejo expresso pelo sr. Silva, que muitos reconhecerão se dissermos que foi durante vários anos defesa da equipa principal do S. C. Espinho. Pois apesar dos bailes e de um arraial mínimo organizado para cobrir pelo menos as despesas, a situação financeira do clube continua difícil. E não são as quotizações da centena de associados que permitem a entrada em novas despesas. A propósito, foi lembrada a possibilidade do S. C. Espinho ceder bolas e equipamentos de que já não precise.

Quanto ao futebol, há ainda a intenção de filiar o clube e está já assente a realização de um torneio no campo da Idanha que envolverá doze equipas populares e para o qual se prevê, como vem sendo hábito, grande afluência de público.

O QUE SE QUER FAZER MAIS

E as outras modalidades? Há projectos, vontade de avançar (voleibol, atletismo), mas pouco mais. As dificuldades são muito grandes e a passagem para a prática ainda não foi possível. Estamos no entanto certos de que o ânimo dos homens do Grupo Desportivo da Idanha, a colaboração das pessoas do lugar e, está claro, das entidades oficiais poderão tornar realidade algumas daquelas ideias.

Lebrámos que talvez fosse útil a congregação de esforços com os outros clubes da freguesia de Anta. Mas a resposta não foi muito optimista. Já houve algumas tentativas, mas não resultaram. E é pena, pois a freguesia tem condições humanas para ter uma maior dinâmica desportiva. Assim, cada um por si, as dificuldades são maiores. Mas este é um assunto de que talvez voltemos a falar.

Para já, contentemo-nos em ficar a conhecer melhor o Grupo Desportivo da Idanha. E vale a pena.

FUTEBOL

TAÇA DE PORTUGAL

LIMIANOS, 0 — ESPINHO, 0

Jogando contra uma equipa da III Divisão Nacional, esperava-se que os «tigres» levassem a bom termo este primeiro obstáculo da «Taça». Com o terreno empapado, mal se vislumbrando as marcações, não jogando nada de especial e encontrando forte resistência por parte do seu adversário, o Sporting de Espinho, mesmo após pro-

longamento, não logrou melhor que o empate. Esperemos por melhor sorte na 2.ª volta (forçada!) e que a equipa local consiga o mais breve possível atingir a forma que todos desejamos.

O Sporting de Espinho alinhou:

Serrão I; Gomes, Pereirinha, Gonçalves I e Castanheira; Alemão, Gentil e João Carlos, Serrão II; Reis e Canelas.

VISTA OS SEUS FILHOS

na BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 — ESPINHO

FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275

Telef. 920413 ESPINHO

Pinturarte

Armando Alves Ribeiro

Tecnicamente especializado em todo o género de Pintura Artística
 Rua 18 N.º 943 — Telef. 921412 — ESPINHO

Móveis — Espelhos e Molduras
 — em todos os estilos —
 Candeeiros — Louças — Cristais
 — Alcatifas — Electrodomésticos,
 — ticos, etc. —

TALHO
 e Charcutaria
CENTRAL

Servir bem — Boas carnes
 Rua 15 n.º 268 — ESPINHO

CAFÉ E RESTAURANTE

COPÉLIA

Almoços e Jantares — Serviço à lista

Especializado em Casamentos e Baptizados — Grande variedade de Petiscos

Rua 23 n.º 808 — ESPINHO

CASA

TRANSMONTANA

ALMOÇOS E JANTARES

Especialidade em Bacalhau à Transmontana e Rojões à Portuguesa
 — LANCHES VARIADOS —

Serve-se o melhor vinho de Rio Maior
 Avenida 8 n.º 774 ESPINHO

Manuel da Feira

Manuel de Oliveira Marques Ferreira

Serviço à lista — Almoços e Jantares — Cozinha Regional
 Especialidade em frango embriagado e Coelho à Beirão

Rua 26 n.º 625 ESPINHO

O 5 DE OUTUBRO EM ESPINHO

(conclusão da 1.ª pág.)

cracia que ele encerra, nunca fossem esquecidos.

Em seguida, na varanda dos Paços do Concelho, perante o desfilar das duas corporações de bombeiros foi hasteada a Bandeira Nacional, e proferidas umas breves palavras de acordo com a solemnidade do acto, por António Gaio da Comissão Administrativa da Câmara Municipal. Nesta alocução foi, em primeiro lugar, salientado o papel do Povo, no decorrer da nossa História, sempre que a independência e a liberdade estavam em causa. Daí, que o movimento revolucionário republicano, tivesse um grande apoio do Povo, já farto da poli-

tica de salão, da injustiça e miséria reinantes.

Em segundo lugar foi realçada a obra dos Governos Republicanos, no campo do ensino, na protecção à família, na instituição de direitos fundamentais dos trabalhadores (direito à greve, por exemplo), na tentativa de reconstruir a economia, e todo o trabalho negativo que a ditadura salazarista realizou, denegrindo sempre tão justa tarefa que os homens da 1.ª República levaram a cabo. Homens e obra, que este acto, repetido por todo o País tentou lembrar a um Povo que segundo a Constituição vigente caminha para a Democracia, para o Socialismo.

Realizações Nascente

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

Povo Português explorado pela monarquia, será protagonista do dia-a-dia da vida do País, sempre na posição de resignado, de alimária carregada com a albarda, de suporte dos privilégios das classes então dominantes. Bordalo Pinheiro, por intermédio desta sua criação, criticará ao longo dos anos uma monarquia, com os soberanos fantoches, um Parlamento inoperante, sucessivos Governos de políticos desonestos e incompetentes, banqueiros e industriais a encherem as bolsas, e um Povo continuamente explorado, juguete dos interesses dos senhores deste país.

«O Zé representa, portanto, um povo — mas, logicamente representa também um país que não pôde oferecer uma realidade para além da «oficialidade» constitucional... O ambíguo da sua figura, física, profissional, ideológica, topológica, talha-o para a significação necessária: mais do que um símbolo sociológico, ele é um signo com a sua carga própria e determinante, no plano das mentalidades. E é um mito também, que reúne em si as potencialidades positivas e negativas duma nação que se autodefine romanticamente como generosa e boa, e se vê morrer, realisticamente, de ignorância e indiferença numa História sofrida...».

Nesta exposição, organizada pelo Departamento Cultural e Centro de Estudos da Nascente, com a colaboração da revista *Vértice*, as pessoas presentes durante os três dias puderam observar dezenas de reproduções desta célebre criação de Bordalo Pinheiro. Portanto ficam aqui, apenas, breves ideias sobre uma obra que merece ser vista e lembrada, sobre uma exposição que,

a propósito do 5 de Outubro, relembra uma figura conhecida de todos nós, perpetuada em todas as situações, símbolo dum Povo que tal como em 1910, pôs-se em 25 de Abril de 1974, ao lado das suas Forças Armadas para defender a Liberdade, construir a Democracia.

No primeiro dia da exposição, teve lugar um colóquio, com a presença do Dr. Jaime Alberto, da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, que falou sobre a obra de Bordalo Pinheiro, acompanhado de projecção de «slides» e do Dr. Fernando de Sousa, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto que se referiu em termos breves e simples à Revolução Republicana de 1910, seus antecedentes e suas consequências.

Resta apenas, em relação a este colóquio, salientar a activa participação das pessoas presentes, demonstrando que esta data não passou despercebida, apesar de não podermos deixar de lamentar que tanto aqui, como nas comemorações oficiais o 5 de Outubro, data importante na História do País, como símbolo de libertação, tenha sido esquecido, por tantos a quem a Democracia serve e a favor dos quais se pretende consolidar.

CAFÉ

O TROVADOR

Serve Pregos — Cachorros
Especialidades em Francezinhas

Av. 24 e Rua 31 — ESPINHO

FOTOGRAFIAS TIPO PASSE EM 10 SEGUNDOS

CENTRO FOTOGRAFICO

de ALVARO NUNES DE PINHO

Tudo para fotografia e Cinema — Retratos — Relojoaria electrónica

Rua 8 n.º 645

ESPINHO

MOREIRA DA COSTA

CIRURGIA GERAL
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520.1.º — Telef. 921014

PINTO DE MATOS

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulações

Rua 19 n.º 364-1.º — Telef. 921218

ESPINHO

COMUNICADO DA

Associação de Moradores da Marinha

SILVALDE — ESPINHO

— Tendo o jornal «Defesa de Espinho» em artigo do seu Director Dr. Amadeu Morais intitulado «Férias 76», atacado esta Associação de Moradores e recusado posteriormente a publicação de uma carta que lhe foi enviada onde é feita a defesa desta Associação de Moradores e são rebatidos os pontos caluniosos e a demagogia daquele senhor, vemo-nos obrigados a recorrer a este oneroso meio para dar a conhecer aos trabalhadores e em especial aos moradores da Marinha o teor da carta enviada ao Director da «Defesa de Espinho», a saber:

Ex.mo Senhor

Dr. Amadeu Morais

A direcção da Associação de Moradores da Marinha — Silvalde, legalmente eleita por moradores do mesmo lugar, e legalizada notarialmente com a contribuição generosa do Fundo de Fomento de Habitação, sentindo-se lesada moralmente por aquilo que leu no referido artigo, em relação a este lugar, e à nossa actividade, e notando que há desconhecimento do processo ou maldade do articulista, ao dizer que: «o SAAL é aplaudido pela Comissão de Moradores criminosamente manipulada ou inconsciente» vem esclarecer o seguinte:

Na parte que toca à construção dos prefabricados pelo SAAL, nada nos pode culpar, pois nessa altura ainda não existia Comissão de Moradores formada. Pelo que nos foi dado a saber, a construção dos mesmos foi ordenada pelo ex-Secretário de Estado de Habitação e Urbanismo, Arquitecto Nuno Portas. Se o articulista quiser saber como isso aconteceu (ou talvez saiba e queira que nós acusemos terceiros, o que não vai acontecer), esses prefabricados foram montados por 6 meses e que devido a burocracias de todas as espécies a construção de novas casas de rendas económicas, em número superior a 100, ainda não está em andamento.

Por que é que o articulista, através da «Defesa de Espinho», não lançou apelos à Secretaria de Estado e a todas as individualidades intervenientes para que ajudassem esta obra de construção de uma pequena vila, e assim se dar cumprimento ao art.º 65.º da Constituição, ou também desconhece este artigo?

A nossa Associação concorda que os prefabricados são um triste remedeio, mas os palheiros que aquelas pessoas habitavam antes, (porque elas são pessoas e não animais), eram cem vezes piores, e na altura foi o melhor que puderam arranjar. Por que é que estando os prefabricados montados há mais de ano e meio, só agora veio visitá-los? Só nesta altura se lembrou disso?

O articulista alguma vez pensou fazer alguma coisa para atenuar o mal alheio? Não... só sabe criticar o que os outros fazem. Mas nós bem sabemos de que lado está, e isso basta-nos, porque estamos atentos.

Também não é da nossa conta saber quanto ganham os técnicos do SAAL, e se o articulista quiser saber, pergunte ao Sr. Ministro da Habitação, e à Secretaria de Estado, que eles prestam-lhe contas. Só sabem que, se não fossem esses técnicos a abrir-nos os olhos, só os que têm os DR., ENG. e CAPITALISTAS é que tinham direito a habitação digna, porque ganham para isso, os outros, os «pé descalço», eram eternamente esquecidos.

Admira-nos o articulista ter tido tanta dificuldade em encontrar os prefabricados, pois assim ficou provado que veio a este lado (lugar da Marinha) para criticar e ver se pode saltar por cima de alguém, para mais um poleiro.

Quando a «Defesa de Espinho» publicou o artigo «Férias 76», já as obras das ruas deste lugar, tinham começado há cerca de 6 dias, por tal motivo já não temos a obrigação de agradecer ao articulista o empenho sobre o assunto.

No que se refere aos bailes na Lota, que a actual Associação por diversas vezes efectuou, os mesmos têm-se destinado a fins humanitários e para custear as despesas da nossa Associação. O Sr. Dr. Amadeu Morais, quando era novo, também organizou bailes e teatros, para se divertir, conforme podia. Aqui nós o «pé descalço», não podemos alugar salões de luxo, pois toda a receita não chegaria para cobrir a despesa. Por isso pedimos a cedência da Lota, e é aí, depois de lavada e perfumada, que as classes laboriosas e pobres se divertem e contribuem para outros trabalhadores que se encontram em dificuldades.

Quanto ao problema do Bairro Piscatório, se o Sr. Dr. Morais tivesse muito interesse pelos assuntos da nossa terra, saberia que aquele bairro foi feito para ser pago em 25 anos, como as casas que nós andamos a tentar que construam para nós. Quanto ao que as pessoas ganham, se há agregados familiares que têm rendimento mensal de 15.000\$00, há alguns que só têm o salário mínimo que não chega para tratar as doenças e outros nem o ordenado mínimo conseguem obter nem qualquer espécie de segurança social que lhes permita ter uma velhice em paz. Nem por isso o Sr. Dr. se dignou fazer um inquérito através do seu jornal ou do seu partido político para angariar fundos para mitigar a fome dessa gente. Se o Sr. Dr. meditasse um pouco e tivesse consciência, não lançava estas «bocanadas», pois que o Sr. tem casa e tem uma profissão liberal, que ganha quanto quer, nós não, somos operários, com salários, alguns razoáveis outros maus, mas queremos dentro da lei, defender o direito à habitação própria a que temos direito, e isto não se pode classificar de criminosos nem de inconscientes.

Quanto à questão em que o Sr. Dr. põe das tais rendas justas, isso devia começar a praticar-se primeiramente no centro da cidade, pois aí já os exploradores, pedem por andar 5 e 6 mil escudos.

Esta Carta foi aprovada por toda a Direcção, na reunião efectuada no dia 7-9-1976.

O Presidente,
Álvaro Leite

Modas

MENDES

Lanifícios

Rua 16 n.º 683
Telefone 920168

ESPINHO

GAZETILHA

SAUDADE...

— Amoras negras, meu fruto silvestre,
Disposto em cacho de esferas escuras,
Por mão da Natureza, mão de mestre,
Despertando, gostosas e maduras,
O apetite da minha infância ousada,
Errante e aventureira por caminhos
Já confluentes da vizinha estrada,
Senda propícia para «andar aos ninhos»...

Como recorde estas explorações!
As minhas descobertas de menino,
Esse pinheiro manso e seus pinhões,
Junto ao regato puro e cristalino!
A primavera entrada — era uma festa:
Vestiam às giestas manto d'ouro,
Tocava oboé o cuco na floresta,
Zumbia pelos prados o beoiro...

Ainda ali chegava a voz do mar,
Profunda e cava em seu diapasão,
Para neste concerto não faltar
A arcada gravê do seu rabeção...
De luz e cor enchiam-se os meus olhos,
Todo eu era alegria, meus amigos...
E agora, crescem-me anos, entre abrolhos
E imponho aos meus desejos: — «Não há figos!»

Alberto Barbosa (BEKA)

Palavras Cruzadas

Simétricas

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										

HORIZONTAIS: 1 — Grande porto da Holanda; 2 — Navio mercante; 3 — Suspiros; 4 — Marca de tabaco; 5 — Cobrir de nata; 6 — Nota musical; 7 — Aro; Bolsa; 8 — Ninho; Batráquio; Dirige-se; 9 — Planta anónima; 10 — Desvairado.

VERTICAIS: 1 — Freguesia do concelho de Espinho; Divisão de casa, pl.; 2 — Extremidade do braço; Moeda italiana, pl.; 3 — Pronome pessoal; Contr. prep. e art.; Bébé animal; 4 — Sem cauda; Nota musical; 5 — Rolhara; Gracejar; 6 — Sociedade elegante, pl.; Nome de mulher; 7 — Peça de vestuário feminino, pl.; Abrev. de Eduardo; 8 — Oferece; Consoante dobrada; Despacho; 9 — Suspiros; Avaliar; 10 — Réptil sáurio; Depósito de pólvora e apetrechos de guerra.

SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR:

HORIZONTAIS: Esplanadas — Nilo; Tola — Clarear; In — Evocação — Ta; Arrisca — Alo; Isca — RDA; As; ITT — Estio; La — la; Liana — Aos; Marram.

VERTICAIS: Encetar; Pá — Silvalde — Plão; Oásis — Lorca; Tá — Ear; Ai — Acrisola — Atrais; Ir — Dó; Oscilar — Ali; Catana — Santa; Am.

Um livro bom
um livro barato

Título: O VALENTE
SOLDADO CHVEIK

Autor: Jaroslav Hasek

Editor: Europa-América
(Livros de Bolso)

Preço: 35\$00

Há quem ria para descansar, há quem ria para aliviar, há quem ria para esquecer. Há quem ria para não chorar lágrimas quotidianas. Há quem ria para não ver o que se passa na vida. E há quem ria por ver o que se passa no mundo.

Hoje em dia a gente ri-se muito? Ri-se pouco? Ri-se bem ou ri-se mal? Com cabeça? Ou não? Se por vezes parece que perdemos o sentido de humor, outras vezes (não menos...) parece que levamos as coisas muito pouco a sério... com o natural perigo do «lá vamos cantando e rindo!» Não é?

Chveik, soldado, sem dúvida valente, é um indivíduo enternecedor, quase uma criança. Mas é também terrível, implacável, na mordacidade da sua

crítica às instituições, à hierarquia burocratizada, à obediência militar acéfala, aos superiores todo-poderosos. Chveik é um idiota. Dizem. E naturalmente assim parece. É um pobre de espírito, um tolinho, um louco. Mas há também quem diga que, neste mundo louco de loucos, os únicos homens com juízo autêntico são os tolos. É um pouco essa ideia que tiramos deste livro. Na sua inocência infantil, na sua imbecilidade, na sua pequenez de raciocínio, Chveik abala as estruturas profundas das instituições onde anda metido. E nós, os leitores, rimo-nos. De quem nos rimos? À primeira vista será de Chveik, o idiota. Mas no fundo rimo-nos daqueles que são ridicularizados, dos oficiais, do exército, da guerra, de uma certa sociedade.

RASCUNHOS

Um destes dias, em programa dedicado ao Cinema, a nossa tão discutida Televisão saiu dos estúdios para ouvir as pessoas que topava dentro ou à entrada das casas de espectáculos. A pergunta sacramental visava saber a opinião dos frequentadores das salas escuras quanto ao cinema que na actualidade se podia ver. A quase totalidade dos inquiridos lembrou, com mais ou menos intensidade, a vaga de filmes pornográficos que são projectados nas nossas telas.

Pena foi não se saber ao certo qual o filme que ali tinha atraído as pessoas abordadas, para se conhecer melhor da sinceridade e coerência das suas apreciações. Isto porque é fenómeno mais que consabido que a pornografia tem enorme clientela, onde há de tudo como na farmácia: novos e velhos, operários e quadros, valdevinos e pessoas de bem.

Também pena foi que ninguém falasse na outra «peste» que assola os nossos cinemas, não menos pernicioso nem menos condenável. Refiro-me à dos filmes de pura e gratuita violência, cuja quantidade, bem medidas as coi-

sas, talvez não ande muito longe da dos «porno» que tanto ferem a pudicícia das gentes portuguesas.

Fique desde já bem assente e esclarecido que eu também não embarco na vaga da pornografia, senão quando ela é pretexto para esculpezar certas situações, para abrir os olhos a muitos que teimam em manter as pálpebras cerradas à vida que nos rodeia. E, pela mesma ordem de ideias, também não navego nas ondas dos karatés, coboiadas cheias de mortes e massacres, policiais asquerosos e muitas outras produções do mesmo quilate.

Censuremos tudo quanto seja pornografia simples ao mesmo tempo que constituamos alvo da nossa repulsa tudo o que seja violência simples. Não façamos unicamente alvo dos nossos protestos o que é porco. E, já agora, protestemos, e fortemente, contra a absoluta amnésia em que foi colocada essa grande camada da população que as crianças constituem. Ou será que a miudagem também não merece ver cinema?

Carlos P. Morais

NASCENTE cineclube

Programa para o mês de Outubro

Dia 13 — Sessão com o filme: «O Pequeno Grande Homem»; às 21,30 horas, no Teatro S. Pedro.

Dia 22 — Sessão com o filme: A anunciar, às 21,30 horas, no Salão Nobre da Piscina.

As sessões de Cineclube são reservadas aos sócios, podendo no entanto admitir-se novos sócios no início das sessões.

Os sócios com quotas em atraso podem regularizá-los no início das sessões ou durante o intervalo.

Apelamos aos nossos sócios a apresentarem-se munidos do seu cartão para o ingresso em futuras sessões do Cineclube.

Quem ainda não tem cartão, por falta de fotografias, pode entregar as mesmas:

- Ou nas sessões de Cineclube;
- Ou todos os dias úteis das 21,30 às 23 horas, na sede da Cooperativa — Rua 62 n.º 251 — Espinho (1.º andar);
- Ou ainda pelo correio, Cooperativa Nascente — Apartado 43 — Espinho.

NASCENTE cineclube

Fora das portas

No passado fim-de-semana, o Cineclube realizou duas sessões de cinema, com o filme **O Garoto de Charlot** fora de portas, indo até Nogueira da Regedoura e S. Paio de Oleiros, na tentativa

de levar a cultura a quem não tem acesso a ela, atingindo cerca de 500 espectadores.

No próximo número, contamos dar reportagem mais desenvolvida destas realizações.

MARE VIVA

interessa aos trabalhadores

E... rimo-nos de nós mesmos. Idiotas. Sem o sabermos, talvez. Tão idiotas como Chveik. Ou mais. Mas... disfarçados.

«O valente soldado Chveik» é um livro que vale a pena ler. Lê-se muito bem, com muito agrado, não cansa nada, dispõe bem. É engraçado, repouante, uma página puxa sempre a página seguinte. Chegamos ao fim com pena de não poder aprender mais mun-

do pelos olhos de Chveik. O soldado idiota, o homem valente.

(NOTA: Esteve há tempos em cena, e a TV transmitiu, uma peça teatral chamada «Chveik na II Guerra Mundial». Lembram-se? Era interpretada pelo Soldado na personagem principal. Gostaram, não gostaram? Pois o Chveik é sensivelmente o mesmo do livro. Esperem-nos.)